

# CURTIR, COMPARTILHAR E ARMAZENAR: OS ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS EM REDES SOCIAIS

**Anna Carla Almeida Mariz**

Professora da UNIRIO, na Graduação em Arquivologia e no Mestrado em Gestão de Documentos e Arquivos.  
E-mail: annacarla@unirio.br

**Marianna da Silva Dutra**

Bolsista de Iniciação Científica PIBIC-CNPq, Graduada em Arquivologia (UNIRIO) e História (UERJ)  
E-mail: mariannasdutra@gmail.com

**Resumo:** A fotografia pessoal, objeto antes quase sacralizado, restrito aos antigos álbuns de família impressos, encaixotados, ganhou na rede uma ferramenta de propagação e popularização, dentre outros fatores que também propiciaram sua divulgação com os recursos da internet. Com o advento das redes sociais de relacionamento, Facebook, Instagram, Twitter, Flickr entre outros, a difusão de fotografias digitais aumentou exponencialmente. Elas documentam as atividades e relações daquele que as postou, dos que ali estão representados e dos que interagiram com a postagem. Nesse sentido, o presente trabalho pretende investigar a fotografia como documento arquivístico, seu armazenamento e uso em tempos de redes sociais e as formas como essa relação se dá. A metodologia utilizada foi a pesquisa em fontes bibliográficas e documentais. Resultados indicam que, pode-se considerar essas fotografias hospedadas na internet como um novo álbum de fotografias pessoais, agora *online* e compartilhado. Em sua gênese, além de possuir as mesmas intenções de registro e guarda da memória de momentos especiais das fotografias analógicas, nas redes sociais, a fotografia passa a ser também agente comunicador.

**Palavras-chave:** Fotografias. Redes Sociais. Arquivos Fotográficos. Arquivos Pessoais.



## 1 INTRODUÇÃO

O aumento dos registros a partir de meados do século XX, em especial os fotográficos digitais, trouxe consigo uma conseqüente mudança nos arquivos. A evolução da tecnologia, a democratização do computador individual, dos *smartphones* e a popularização da internet, fez crescer ainda mais o número de fotografias digitais. Se antes fotografar era uma prática cara e complexa, agora se tornou algo corriqueiro. Soma-se a este fato o posterior surgimento e popularização de sites e plataformas de relacionamento, as chamadas redes sociais, nos quais são hospedados muitos dos arquivos fotográficos gerados nos dias atuais. Muitas vezes esses registros são feitos e postados imediatamente nesses sites, fazendo com que essas plataformas também funcionem como locais de armazenamento de imagens. Tudo isso fez crescer uma necessidade urgente de se pensar uma nova estratégia de gestão para esses documentos.

A falta de bibliografia a respeito do assunto indica que pouco se tem problematizado sobre isso, o que dificulta a formação dos profissionais de arquivo com relação ao tratamento deste tipo de documentação. Diferentes questões podem ser levantadas quando se trata dessa temática, como por exemplo: qual deve ser o comportamento do arquivista perante essa nova e incontestável realidade? Como agir diante da mudança do documento analógico para o digital? Como gerenciar arquivisticamente essas fotografias de redes sociais? Podemos considerá-las documentos de arquivo?

Buscamos aqui, não necessariamente respostas prontas para essas e outras questões, mas a problematização de algumas que tem sido prática escassa no campo científico da Arquivologia.

Como dito anteriormente, num passado não muito distante, fotografar não era uma prática simples. Devido ao alto custo de todo o processo, pensava-se duas vezes antes de “queimar” um filme com uma nova foto. Atualmente, o problema é outro: temos milhares de fotos armazenadas no computador, ou em sites na internet, sob risco de uma falha no HD - *Hard Disk*, ou no servidor provocar a perda de registros únicos a qualquer momento. Por esta razão, é necessário, no mundo moderno e tecnológico, levar-se em consideração que as formas de armazenamento de imagens postadas no ambiente digital podem ser perdidas com o tempo, principalmente se partimos do pressuposto que as redes sociais, como o Facebook, não são repositórios infinitos de informação, dada sua característica mutável e inconstante.

O presente trabalho pretende investigar a fotografia como documento arquivístico e seu armazenamento e uso em tempos de redes sociais. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica e documental. Serão abordados o documento fotográfico, sua relação com a sociedade, sobretudo como documento arquivístico, as formas de armazenamento mais utilizadas, e algumas redes sociais mais populares na internet. Por fim, tem-se uma análise e discussão acerca das fotografias hospedadas nessas redes sociais e seu status enquanto documento arquivístico.

## **2 REFLEXÕES A RESPEITO DA FOTOGRAFIA**

A fotografia veio romper com os padrões sociais e culturais, e ampliar a visão de mundo do ser humano. A subsequente industrialização da câmera fotográfica apenas cumpriu uma promessa inerente à fotografia desde o seu início: democratizar experiências ao traduzi-las em imagens. Aquela época em que fotografar demandava todo um aparato complexo e caro, parece bem distante da era das câmeras de bolso ou *smartphones*, com os quais qualquer pessoa pode tirar fotos facilmente.

No século XX, com os avanços tecnológicos da imprensa, a difusão da TV e cinema, a imagem ganhou grande destaque na comunicação social. Além disso, o avanço da globalização aumentou muito o fluxo de informação e a necessidade de transmiti-la rapidamente. Neste contexto, a fotografia deixa de servir apenas como registro de memória e passa a ser um instrumento de comunicação. Pois ao representar algo visualmente, construímos e decodificamos o mundo em que vivemos. E o mesmo acontece quando interpretamos as imagens que nos rodeiam, pois, a interpretação considera nossos valores, crenças e experiências.

### **2.1 A IMAGEM FOTOGRÁFICA**

Há quase dois séculos vem-se “tirando fotografias”, porém nunca da mesma forma. Podemos dizer que as correntes estéticas que foram surgindo, os diferentes contextos socioculturais, o próprio

desenvolvimento da técnica, entre outros fatores, influenciou o resultado das imagens fotográficas produzidas. Ao longo desse tempo, a percepção visual do mundo foi marcada pela utilização de dispositivos técnicos para a produção das imagens.

Na ocasião da fabricação das primeiras câmeras, na França e na Inglaterra, no início da década de 1840, os únicos interessados eram os inventores e os aficionados para operá-las. De acordo com Susan Sontag (2004), foi apenas com a industrialização que a fotografia adquiriu o status de arte. Essa industrialização também propiciou os usos sociais para as atividades do fotógrafo. Em tempos mais recentes, a fotografia tornou-se tão difundida e praticada quanto outros passatempos como dança e esportes. A fotografia já não é praticada como arte pela maioria das pessoas, mas sim um rito social.

A fotografia nos ensinou por meio de novos códigos a ampliar o olhar sobre as coisas, e permite-nos ter a sensação de que podemos reter o mundo nas imagens estáticas. Acumular fotos seria como acumular o mundo. Segundo Sontag, a foto se diferencia das imagens de filmes e programas de TV por tornar a imagem um objeto palpável, de baixo custo, acumulável e facilmente transportável. Para ela, fotografar significa apropriar-se da coisa fotografada, e se pôr em relação com o mundo, assim como o conhecimento e o poder.

Diferentemente de documentos escritos, a imagem fotográfica não parece uma representação ou interpretação do que está fotografado, e sim miniaturas da realidade, pedaços do mundo que qualquer um pode fazer e adquirir. De acordo com Freund (1976), na vida contemporânea, a fotografia desempenha um papel fundamental, pois é utilizada em todas as atividades humanas, independentemente da finalidade de seu uso. Ela é parte da vida cotidiana, está incorporada na vida social, nas diferentes camadas sociais, na ciência e na indústria, estando diariamente presente em jornais e revistas, em quadros nas paredes, porta-retratos, álbuns e internet, etc.

A imagem fotográfica é uma maneira do ser humano expressar sua individualidade, um modo encontrado pelos indivíduos para “exteriorizar seus sentimentos” segundo Novellino (2007).

A fotografia, enquanto componente de uma intrincada rede de significações, revela, através da produção da imagem, uma pista. Mauad (1990, p. 11) afirma que a imagem considerada como fruto de trabalho humano, pauta-se sobre códigos convencionados socialmente, possuindo, sem dúvida, um caráter conotativo que remete às formas de ser e agir do contexto no qual estão inseridas como mensagem. Porém, essa relação não é automática, pois entre o sujeito que olha e a imagem que elabora, “existe muito mais que os olhos podem ver”

Podemos dizer que as imagens, fotográficas ou não, são formadas por camadas de significados que incluem “seus aspectos formais, suas referências culturais e sócio-históricas, e os modos como se relacionam com outras imagens e contextos” (STURKEN; CARTWRIGHT *apud* NOVELLINO, 2007, p.25) em que estão inseridas.

## 2.2 A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO DE ARQUIVO

Os arquivos existem desde a antiguidade, mas a Revolução Francesa contribuiu para mudanças no panorama das instituições arquivísticas: além de se estabelecer o princípio legal da acessibilidade aos documentos, houve a criação de um órgão central de arquivos englobando uma rede de depósitos. O cidadão passou a ter acesso à informações administrativas. Já durante a segunda metade do século XIX, a teoria positivista alcançou destaque na prática dos historiadores, que valorizavam documentos escritos e de origem oficial para a realização do trabalho historiográfico. Neste momento, os historiadores passaram a se utilizar dos arquivos para realizar suas pesquisas, surgindo então as primeiras salas de consulta em arquivos.

No século XX, outras áreas do conhecimento passaram a fazer uso dos arquivos em suas pesquisas e foram se aprimorando os arquivos administrativos, públicos, privados, históricos e culturais. Ainda nas primeiras décadas do século XX, a chamada Escola dos Annales, movimento historiográfico composto por historiadores franceses, sugeriu que outros tipos de vestígios do passado, como fotografias, filmes e áudios, etc., além dos documentos escritos oficiais, também poderiam servir à pesquisa histórica como fontes de conhecimento tão ricas quanto estes valorizados no contexto positivista.

De acordo com Sontag (2004), fotos fornecem um testemunho. Segundo ela, muitos deixam de duvidar de algo quando é mostrada uma foto. A fotografia tem o poder de incriminar ou justificar atos ou pessoas. Uma foto pode provar que determinada coisa aconteceu. Ela pode distorcer, mas sempre existe o pressuposto de que algo ali representado existe ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem.

Freund (1976, p.8) defende que é justamente seu poder de “reproduzir a realidade externa – poder inerente à sua técnica – que lhe presta um caráter documental”, e lhe confere fidelidade para reproduzir os desejos e as necessidades da sociedade. A crença em sua objetividade é fictícia, visto que sua lente permite “todas as deformações possíveis da realidade, determinadas em parte pela maneira de ver do fotógrafo e às exigências de seus mandatários”. Nessa perspectiva, a fotografia passa a ser um dos meios mais eficazes para moldar “nossas ideias e influir em nosso comportamento”

Segundo Filippi, Lima e Carvalho (2002, p.11):

[...] os atributos técnicos e formais da imagem fotográfica assumem um papel relevante no entendimento de questões ligadas à noção de natureza, cidade, progresso, modernidade, morte, infância, indivíduo, identidade, apenas para citar aqueles temas mais recorrentes. Não é por acaso que o incremento na organização de documentos fotográficos institucionais aconteceu concomitantemente à publicação de repertórios e ao crescimento do uso da fotografia como fonte para a pesquisa. Nessa perspectiva, torna-se fundamental, hoje mais o que nunca, a definição de padrões de qualidade na organização e conservação de fotografias em acervos institucionais e na produção de instrumentos de pesquisa.

A partir do momento de reconhecimento das imagens e outros tipos de documentos como fonte, a percepção do que é documento passou a ser ainda mais ampliada e repensada, assim como o uso dos arquivos foi redimensionado.

Com a chamada explosão documental, após a Segunda Guerra Mundial, a produção de documentos em seus mais diversos suportes e formatos, aumentou em níveis sem precedentes, “forçando” os profissionais de arquivo a lidar com esses novos tipos de documentação.

Nem todo documento pode ser considerado um documento de arquivo. Para isso, os mesmos devem ter sido criados ou acumulados na consecução de algum objetivo, guardando relações orgânicas com os outros documentos produzidos e/ou acumulados pela mesma entidade, seja ela pública ou privada, individual ou coletiva, no transcurso de suas funções e atividades. Ou seja, que determina se o documento é arquivístico, forma, objetivo e, principalmente, o contexto de sua criação.

A Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos (CTDE, 2010, p.20) define documento arquivístico como “documento produzido (elaborado ou recebido), no curso de uma atividade prática, como instrumento ou resultado de tal atividade, e retido para ação ou referência.”

Sobre o conceito de arquivo, na legislação brasileira, mais especificamente na Lei n. 8.159, de 8 de janeiro de 1991, os arquivos são considerados como: “Os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos”.

Conforme o Dicionário Brasileiro de Terminologia (2005, p.27) arquivo é o “Conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte”.

Definições como estas, podem ser encontradas em variados dicionários terminológicos e em obras de referências da área arquivística. É importante observar nestas definições, o destaque dado ao fato de que independe da natureza do suporte a condição de documento pertencente a um conjunto documental arquivístico.

Os relacionamentos em redes sociais são uma atividade e nelas produzimos e acumulamos informações de todo tipo que, verídicas ou não, são documentos pessoais e, dependendo do contexto, arquivísticos. E uma clara demonstração disso é que o sistema judiciário já utiliza fotos e vídeos de redes sociais para compor autos judiciais, nos remetendo a umas das funções dos documentos de arquivo: a garantia de direitos.

### **3 REDES SOCIAIS E ARMAZENAMENTO**

As abordagens relativas às redes compreendem enorme diversidade conceitual. Contudo, alguns elementos são sempre citados, como: pontos que mantêm relação entre si, conjuntos,

componentes, objetivos comuns, e outros. Para Matellart e Matellart (2000, p.157) a rede “compõe-se de indivíduos conectados entre si por fluxos estruturados de comunicação”, os quais “exercem um papel estruturante na organização da sociedade e da nova ordem mundial”

Rede social, de modo geral se caracteriza como “uma estrutura social composta por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, que partilham valores e objetivos comuns” (BERNARDO, 2011, p.3). Portanto, guardando as devidas especificidades, redes sociais existem desde quando os homens passaram a viver em comunidade, processo que se acentuou com a invenção da agricultura e a conseqüente sedentarização do homem e o surgimento dos primeiros povoados e cidades. Se, naquele momento, homens e mulheres se reuniam para caçar, colher, conversar e prestar homenagens religiosas, podemos dizer que ali existia uma série de redes sociais.

Com o tempo esses espaços foram se ampliando: as igrejas, associações recreativas, praças, escolas, locais de trabalho, etc., também podem ser chamadas redes sociais. No entanto, o advento da internet, no século XX, proporcionou uma nova configuração do que entendemos por redes sociais, haja vista que não mais necessariamente é preciso estar perto fisicamente, para fazer parte de uma rede. Neste sentido, a internet encurtou espaços e permitiu a aproximação de indivíduos, “Os limites das redes não são limites de separação, mas limites de identidade. Não é um limite físico, mas um limite de expectativas, de confiança e lealdade, o qual é permanentemente mantido e renegociado pelas redes de comunicações” (STURKEN; CARTWRIGHT apud BERNARDO, 2011, p. 3).

Segundo Castells (2003), a internet constitui a base material e tecnológica da sociedade em rede, que é um meio de comunicação, de interação e de organização social. O surgimento da internet foi tão impactante que pensar em redes sociais atualmente é falar de sites que têm como objetivo conectar pessoas, que estão distantes ou não. Deste modo, compreende-se então, que as redes sociais são estruturas formadas por pessoas, ligadas por uma ou inúmeras relações, que possibilitam uma série de trocas de modo não hierárquico.

Local de confluência de grupos identitários, as redes sociais na internet também são importantes repositórios imagéticos, que alcançam um considerável público em pouco espaço de tempo. Se hoje as pessoas guardam suas fotos ao postar no Facebook, por exemplo, podemos dizer que não foi sempre assim. Diversos foram os meios encontrados para o armazenamento.

### 3.1 FORMAS ELETRÔNICAS DE ARMAZENAMENTO DE FOTOGRAFIAS

A partir do aparecimento de meios eletrônicos para a gravação de arquivos, passou-se a utilizá-los também para o armazenamento de fotografias digitais, destacando-se os CDs, DVDs, e HDs externos. Essas tecnologias foram sendo substituídas umas pelas outras sucessivamente, na medida em que novos recursos iam sendo criados, mais baratos e com maior capacidade de armazenamento.

O HD externo é uma mídia de alta capacidade de armazenamento. São como os HDs que temos dentro do computador e são encontrados em diferentes formatos. Utilizam discos rígidos de maior capacidade e velocidade no acesso aos dados. São indicados para backup e armazenamento de grandes acervos de documentos, fotos, músicas e vídeos.

O *Cloud Computing* também chamado de nuvem é a entrega da computação como um serviço, onde arquivos são compartilhados e armazenados, permitindo o acesso através de qualquer computador, *tablet* ou celular conectado à Internet. Uma de suas grandes vantagens é o fato de que a parte mais pesada do processamento fica na “nuvem”, um HD remoto.

Os usuários que salvaram as suas informações em disquetes, e não atualizaram suas mídias de armazenamento, tiveram problemas, tendo em vista que há algum tempo os computadores não são fabricados com leitores deste dispositivo, que se tornou obsoleto. Hoje, a maioria dos computadores também já não tem leitor de CD/DVD. E assim acontece com os variados suportes utilizados.

Para resguardar as fotografias de redes sociais, é recomendável fazer backups periódicos e revisão dos mesmos, mudando de suporte e testando se ainda estão em condições de serem acessados. Pois as redes sociais, assim como as tecnologias, ficam obsoletas rapidamente. Além disso, é preciso que se tenha um local com as condições propícias para o armazenamento destes dispositivos.

No entanto, cabe-nos destacar quais são as últimas tecnologias apresentadas para o armazenamento de fotografias. Uma série de sites com esta finalidade foram criados, competindo espaço com aplicativos de armazenamento em nuvem, inaugurando a época do *cloud computing*, ou seja, a capacidade de computação infinitamente disponível e flexível. A nuvem é tudo aquilo que fica por detrás da conexão.

O fotógrafo Rodrigo Marques em artigo para o site [www.clubedafotografia.com](http://www.clubedafotografia.com), afirma que pode ser seguro o armazenamento de fotos na internet, porém seguindo alguns cuidados. Segundo ele, a forma mais segura de guardar fotografias é, certamente, criar cópias, usar mais de um serviço de armazenagem por vez e, a cada cinco anos, fazer uma manutenção dos arquivos fotográficos. Pois serviços *online* podem ser atualizados e descontinuados.

O formato de arquivo influenciará a forma como as fotos serão visualizadas no futuro. Provavelmente, os arquivos em extensão JPEG, um método comum usado para comprimir imagens fotográficas, serão visualizados em modo de compatibilidade, ou seja, com significativa perda de qualidade. Segundo Marques, outro fator é o da resolução dos monitores. Cada vez mais modernos, revelam muito mais detalhes da imagem, denunciando a baixa qualidade do passado. Então, o que antes era uma imagem nítida e sem defeitos, passa a ser uma imagem não tão atraente assim.

A tecnologia trouxe inúmeras vantagens ao setor da fotografia, deixando tudo mais fácil e prático, vieram também alguns desafios no armazenamento. Da mesma forma que duplicar seus arquivos ficou mais fácil, também há imensa facilidade de perdê-los às vezes de forma irreversível.

### 3.2 HISTÓRIA DAS REDES SOCIAIS NA INTERNET

A história das redes sociais na internet começa com o e-mail nos anos 1970, entretanto, o formato como conhecemos hoje, começou a ser moldado em 1985 quando a *America on line*, AOL, passou a fornecer ferramentas para que as pessoas criassem perfis virtuais nos quais podiam descrever a si mesmas e criar comunidades para troca de informações e discussões sobre os mais variados assuntos. Em 1997, a AOL lançou um sistema de mensagens instantâneas, o pioneiro entre os chats e a inspiração dos *messenger*s que utilizamos hoje em dia (DAQUINO, 2012).

O compartilhamento de fotografias pessoais é inserido nas redes sociais em 2002, com a criação do Fotolog, que ainda existe, tem cerca de 32 milhões de perfis, já veiculou mais de 600 milhões de fotos e está presente em mais de 200 países. Mas foi em 2004 que as redes sociais na internet se popularizaram. Fundado pelo engenheiro Orkut Büyükkökten, o site de relacionamentos Orkut chegou a ter cerca de 40 milhões de perfis cadastrados no Brasil (DÂMASO, 2016). O usuário podia adicionar amigos e participar de comunidades, que funcionavam como fóruns de interesses diversos e eram responsáveis por delimitar certa identidade virtual, haja vista que ao ver as comunidades, era possível saber os interesses daquela pessoa.

No começo do Orkut, era possível publicar até 12 fotos em espaço específico para isso. Então, os usuários tinham que selecionar antes de publicar as fotos na rede social. Com o tempo, os usuários solicitaram postar mais fotos, o que se tornou possível a partir da reformulação do Orkut, operada em 2009, que permitiu a postagem de até 999 fotografias, que podiam inclusive, ser separadas por álbuns organizados pelo próprio usuário.

A partir de 2010, o número de usuários do Orkut começou a cair no Brasil, em função do crescimento do Facebook e, em 2014, após completar 10 anos, o Orkut encerrou suas atividades. Apesar dos avisos, muitos usuários perderam as fotografias que estavam armazenadas lá. A rede social Facebook é a mais popular em ação no país.<sup>1</sup>

O Facebook foi criado em 2004 por estudantes de Harvard e tinha por objetivo classificar a aparência das pessoas fisicamente. O sucesso foi tanto que, segundo Teixeira (2016), em 2011, o Facebook já tinha 47 milhões de usuários no Brasil, e atualmente tem quase 2 bilhões de usuários no mundo. O principal objetivo desta rede social é compartilhar dados, imagens, vídeos, textos, notícias, eventos, entre outras coisas. E as pessoas podem comentar e compartilhar as postagens. As fotos no Facebook podem ser organizadas pelos usuários, ou pela própria rede social, que agrupa as fotos em álbuns diferentes, de acordo com a origem da imagem. E o usuário também pode criar quantos álbuns desejar. É, atualmente, a rede social com mais usuários no mundo e um grande desafio arquivístico.

---

<sup>1</sup> G1. É o fim do Orkut. Disponível em: < <http://g1.globo.com/tecnologia/fim-do-orkut/> > Acesso em: 19 dez 2016.



Com a popularização das redes sociais como locais de hospedagem de fotos muitas pessoas deixaram de lado essa preocupação quanto ao armazenamento de suas imagens. Uma pesquisa da Seagate feita em 2012 (por meio da Harris Interactive) revelou que 54% dos adultos que responderam à pesquisa já perderam pessoalmente ou conhecem alguém que perdeu arquivos. Entretanto, apenas 10% fazem backup diariamente e 25% (ou seja, uma em quatro pessoas) nunca fazem backup de seus ativos digitais. Além disso, 72% dos entrevistados classificaram fotos e vídeos como seus ativos digitais mais valiosos (ANTONIO, 2017).

Apesar da popularização das câmeras e das redes sociais que fez surgir uma quantidade infinita de fotografias, publicadas diretamente em sites de relacionamento pessoal, vale ressaltar que esses espaços virtuais não são repositórios permanentes, e que uma de suas características mais fortes é a volatilidade, o que pode ocasionar a perda de uma infinidade de registros fotográficos, resultando em uma geração sem imagens.

#### **4 OS ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS NAS REDES SOCIAIS**

A partir da segunda metade do século XX, sobretudo a partir da década de 1990, houve uma revolução tecnológica que avança até os dias atuais. A rápida evolução das tecnologias, a popularização do computador individual, entre outros fatores, propiciou a descentralização dos trabalhos informáticos, e a evolução das redes locais para as redes regionais e globais, sendo a internet a mais significativa dessas redes. É a era da informação que se inicia a partir daí. Essas mudanças atingiram profundamente o mundo do trabalho e, sobretudo os arquivistas, pois o avanço tecnológico mudou radicalmente os mecanismos de registro e de comunicação da informação, o que, por sua vez levou à mudança nos arquivos (RONDINELLI, 2002, p.471). No momento presente, todos os caminhos passam pela internet e os arquivos não tem como ser a exceção.

Urge a necessidade de uma mudança na mentalidade e no comportamento do profissional de arquivo, pois com o passar dos últimos anos, está cada vez mais evidente o aumento significativo dos documentos digitais. Não estamos nos referindo aqui aos documentos gerados em papel e posteriormente digitalizados. Trata-se de documentos gerados digitalmente, ou nato digitais.

O aumento dos registros, em especial os fotográficos digitais, e o surgimento e popularização de redes sociais, fez crescer uma necessidade urgente de se pensar uma nova estratégia de gestão para esses documentos. A popularização das câmeras e das redes sociais fez surgir uma quantidade infinita de fotografias, que são publicadas diretamente em sites de relacionamento pessoal. No entanto, vale ressaltar que esses espaços virtuais não são repositórios permanentes, o que pode ocasionar a perda de uma infinidade de registros fotográficos.

Tudo isso leva a uma necessidade de se pensar uma nova estratégia de gestão para esses documentos. A falta de bibliografia a respeito do assunto indica que a Arquivologia ainda carece de

pesquisas sobre o tema, o que acaba por dificultar essa mudança de perspectiva por parte do profissional de arquivo, que é demandada a partir do surgimento e proliferação desses novos tipos de documentos.

Notamos que ainda não se tem dado a devida importância para o assunto, sendo recorrente a tomada de decisões e ações paliativas quando se trata de documentos iconográficos digitais, sobretudo os hospedados em plataformas de internet. Percebe-se também, a existência da má adequação das técnicas de arquivamento de documentos analógicos ao arquivamento de documentos digitais.

É importante destacar que ainda há uma certa resistência por parte dos profissionais da área arquivística, em reconhecer estes registros fotográficos em redes sociais e outros tipos de documentos “não convencionais”, como documentos de arquivo, e por isso não dão a devida atenção aos mesmos, negligenciando seu tratamento.

Porém, defendemos aqui que qualquer imagem pode ser considerada um documento uma vez que o conceito amplo de documento diz respeito a qualquer informação registrada num suporte. E uma vez consideradas documento, as imagens a que nos referimos neste estudo podem ser consideradas documentos de arquivo na medida em que, além de veicular conteúdos os mais diversos, são antes e sobretudo produto das ações e transações de ordem burocrática e/ou sociocultural dos responsáveis pela sua produção. Segundo Lacerda, relacioná-las ao seu universo 'gerador' deveria ser atribuição do tratamento arquivístico, a partir de uma abordagem menos naturalizada com relação a esses registros (2012).

A fotografia nos arquivos pessoais, sobretudo nas redes sociais pode ser considerada um modo de representação de identidade. Segundo Zambon e Lopes (2007, p. 45-46):

A ausência de referências físicas cria a possibilidade da construção livre de uma máscara social. O cibernauta joga livremente com o ego, criando sua personalidade/identidade da maneira que melhor lhe convém, usando dos próprios artifícios de representação que o Orkut lhe permite, como álbum fotográfico e as comunidades de afinidade. Neste espaço virtual, cada um pode mostrar a si mesmo do modo como quer aparecer e ser identificado pelos outros.

No espaço virtual e nas redes sociais, as fotografias representam o indivíduo do mundo real e físico. Segundo Marcondes (2011, p. 55) “se as pessoas conversam através de mensagens virtuais, as fotos são o que liga aquela pessoa ao mundo real. As fotos são o que mostram quem a pessoa é, como ela é, e que ela realmente existe.”

Há, nos dias de hoje, um enraizamento e naturalização das redes sociais tão forte que o real passou a ser confundido com o virtual e vice e versa. Não há mais tanta distinção sobre o que acontece dentro e fora dos sites de redes sociais, eles expressam realmente a rede de contatos das pessoas e o que acontece dentro das redes pode ter consequências na realidade das pessoas. Podemos pensar da mesma maneira com as fotografias. O que é visto nas redes é levado como a representação da pessoa, ou pelo menos, como uma tentativa disso (MARCONDES, 2011, p.53).

Em pesquisa sobre álbuns digitais em redes sociais, Mesquita observou que a imagem fotográfica passa a ser suporte da memória de cada indivíduo, auxiliando na compreensão do que acontece à memória pessoal na era das novas tecnologias da informação. O álbum passa a ser arquivo de uma recordação que não é estanque e sim fluida, contínua. Mesquita trabalha a questão dos álbuns de famílias, que eram repletos de fotografias, responsáveis pela criação de uma memória privada, carregada de subjetividade e representação. A emergência dos álbuns virtuais conserva algumas características dos álbuns modernos, como a aura narrativa e de memória das fotografias, além da tentativa de “guardar” o momento tempo-presente na internet (MARCONDES, 2011).

Fotografias são manipuladas desde o ato de sua criação, podem guardar tanto um a verdade como a ficção, pois as possibilidades para dissimular são muito grandes. Se pensarmos nos primeiros retratos que eram cuidadosamente montados e retocados pelos fotógrafos, o posicionamento dos fotografados de acordo com suas posições sociais ou com o que gostariam de mostrar, podemos ver que a representação de identidades e de realidades através da fotografia não é simplesmente uma coisa atual. Construir identidades através de fotografias é uma atividade que os homens realizam desde o início da popularização da técnica. De acordo com Boris Kossoy (1999, p. 42-43),

A fotografia se conecta fisicamente ao seu referente, - e esta é uma condição inerente ao sistema de representação fotográfica – porém, através de um filtro cultural, estético e técnico, articulado no imaginário de seu criador. A representação fotográfica é uma recriação do mundo físico ou imaginado, tangível ou intangível; o assunto registrado é produto de um elaborado processo de criação por parte de seu autor.

Podemos dizer que a fotografia é o olhar do fotógrafo através da câmera. Sontag (2004) afirma que a fotografia é sobretudo um rito social, uma proteção contra a ansiedade instrumento de poder.

De acordo com Recuero (2009), os atores são conscientes das impressões que desejam criar e dos valores e impressões que podem ser construídos nas redes sociais mediadas pelo computador. Por conta disso, é possível que as informações que escolhem divulgar e publicar sejam diretamente influenciadas pela percepção de valor que poderão gerar.

A fotografia como construção, talvez seja uma das melhores maneiras de tentarmos entender o modo como os internautas utilizam as fotos em seus perfis virtuais, fotografias como construção de identidades, construção de realidades. Identidades estas, que os internautas querem que sejam transmitidas à sociedade como realidade, através de fotos em um dos meios de comunicação mais utilizados atualmente, os sites de redes sociais.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste trabalho, buscou-se defender o status de documento arquivístico que tem a fotografia nas redes sociais, pois tal como as fotografias analógicas, elas documentam as atividades de um indivíduo e mantêm relação orgânica com outros registros feitos pelo mesmo. Ao se comparar as imagens na internet com as fotografias antigas e os álbuns em redes sociais com os tradicionais

álbuns de família, podemos perceber que há uma mudança de suporte, aliada a novos costumes de uma sociedade que está em constante mutação, o que leva a uma mudança também nos seus arquivos. Guardando as devidas especificidades de seu tempo, esses documentos se encaixam no conceito de documento arquivístico, que é aquele produzido e/ou recebido por uma pessoa física ou jurídica, no decorrer de suas atividades, qualquer que seja o suporte.

As fotografias devem ser pensadas como uma invenção revolucionária, que ao longo do tempo foram responsáveis por reformular a relação das pessoas com o passado, registrando os laços afetivos, tornando-se então um importante suporte de memória das pessoas, famílias e grupos sociais. A partir deste pressuposto, buscou-se pensar dois eixos complementares: o primeiro diz respeito ao armazenamento das fotografias e a importância dessa ação. Já o segundo, pensa a relação entre produção, fotografia e o advento e popularização das redes sociais, que com o tempo estes sites passaram a funcionar tanto como forma de divulgação de imagens, comunicação entre as pessoas e armazenamento.

O surgimento das redes sociais nos últimos vinte anos ligou ainda mais as pessoas e fez crescer a necessidade do registro e compartilhamento de informações pessoais. Soma-se a isso o aumento do número de fotografias digitais, que são hospedadas nessas redes de relacionamento. Documentar o cotidiano por meio de fotos e compartilhar com outras pessoas passou a ser comum. O que antes era puramente analógico, escasso e para fins de registro familiar, agora é plural, público e corriqueiro.

Neste sentido, foi possível traçar paralelos entre as funções desempenhadas pelos álbuns analógicos de família e os álbuns virtuais, que são hospedados em plataformas e sites da internet. A partir desta análise foi possível concluir que os álbuns virtuais desempenham funções similares às dos álbuns analógicas, haja vista que são responsáveis por registrar as atividades do produtor, além de ser o canal pelo qual ocorre a divulgação do conteúdo.

## REFERÊNCIAS

ANTONIO, Vivian K. M. **Estratégias de backup**. 2017. Disponível em: <<https://www.iif.com.br/photomag/estrategias-de-backup/>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: 2005.

ARQUIVO NACIONAL. CTDE. Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos do Conselho Nacional de Arquivos. **Glossário de Documentos Arquivísticos Digitais**. 2010. Disponível em: <[http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/images/ctde/Glossario/2016\\_glosctde.pdf](http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/images/ctde/Glossario/2016_glosctde.pdf)>. Acesso em: 19 dez. 2016.

BERNARDO, Danylo Santos. **Evolução na Comunicação: estudos nas redes Sociais. Sub-projeto de pesquisa em Iniciação Científica.** Programa de Mestrado em Comunicação. Universidade Municipal de São Caetano do Sul, USCS. São Caetano do Sul, 2011.

BRASIL. **Lei 8.159, de 08 de janeiro de 1991.** Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 09 jan. 1991.

CASTELLS, M. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Denis de (Org.). **Por uma outra comunicação:** mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 255-287.

DÂMASO, Livia. **A História do Orkut,** 2016. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/07/historia-do-orkut.html>>. Acesso em: 19 dez. 2016.

DAQUINO, Fernando. **A história das redes sociais: como tudo começou.** 2012. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/33036-a-historia-das-redes-sociais-como-tudo-comecou.htm>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

FILIPPI, Patrícia de; LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Como tratar coleções de fotografias.** 2002.

FREUND, Gisele. **La Fotografía como Documento Social.** Barcelona: Editorial Gustavo Gill, 1976.

KOSSOY, Borris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica.** São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

LACERDA, Aline Lopes de. A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos.** Rio de Janeiro, v.19, n.1. jan./mar. 2012.

MARCONDES, Andressa Soraya Paganella. **A Fotografia como Registro do Real nos Sites de Redes Sociais.** 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

MARQUES, Rodrigo. **Como guardar fotos na internet com segurança.** Disponível em: <<https://www.clubedafotografia.com/dicas-de-fotografia/304-como-guardar-fotos-na-internet-com-seguranca>>. Acesso em: 19 dez. 2016.

MATTELART, A., MATTELART, M. **História das teorias da comunicação.** São Paulo: Loyola, 2000.

MAUAD, Ana Maria. **Sob o Signo da Imagem: A Produção da Fotografia e o Controle dos Códigos de representação Social da Classe Dominante, no Rio de Janeiro, na Primeira Metade do Século XX.** (Tese) apresentada ao curso de Mestrado em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói – RJ – nov. 1990. Disponível em: <<http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/dssam.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

MESQUITA, Fabíola de. **Álbuns fotográficos na internet: Apropriações das redes sociais e reconfigurações da memória pessoal.** Artigo parte da dissertação de mestrado na linha de pesquisa estratégias midiáticas e práticas comunicacionais do Mestrado e Doutorado em Comunicação e Linguagens. Trabalho apresentado no GT de historiografia da mídia, integrante do VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2011.

NOVELLINO, Marcia Olivé. **Fotografias em livro didático de inglês como língua estrangeira: análise de suas funções e significados**. 2007, 203 f. (Dissertação Mestrado) – Pós-Graduação em Letras -Departamento de Letras, Rio de Janeiro: PUC, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RONDINELLI, Rosely. C. Fidedignidade e autenticidade do documento eletrônico: uma abordagem arquivística. INTEGRAR – Congresso Internacional de Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus. **Anais**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002. p. 471-483.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZAMBON, Michele; LOPES, Dirce Vasconcelos. A fotografia como modo de representação da identidade: Dos cartões de visita de Disdéri ao ciberespaço. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 3, n. 3, 2007.

#### ***LIKE, SHARE AND STORE: PHOTOGRAPHIC ARCHIVE ON SOCIAL NETWORKS***

**Abstract:** *In the 21<sup>st</sup> century, the internet took on several purposes. Personal photography, once something almost sacralized, restricted to the old printed, boxed family albums, gained in the network a great tool of propagation and popularization, among other factors that also propitiated its disclosure until the present day. With the advent of social networking, such as Facebook, Instagram, Flickr, Twitter among others, the dissemination of digital photographs has increased exponentially. They document the activities and relationships of the person who posted them, of those who are represented in the photos, and of those who interacted with the post. Considering this, the present work intends to investigate photography as an archival document, its storage and use in times of social networks and the ways in which this relationship takes place. The methodology used was the research in bibliographical and documentary sources. Results indicate that these photographs can be considered hosted on the internet as a new personal photo album, now online and shared. In its genesis, in addition to having the same intentions of recording and saving the memory of special moments as analog photographs, in social networks, photography also becomes a communicating agent.*

**Keywords:** *Photographs. Social Networks. Photographic Archives. Personal Archive*

*Originals recebidos em: 04/10/2017*

*Aceito para publicação em: 08/12/2017*

*Publicado em: 23/03/2018*